

KASPER, Walter; DECKERS, Daniel. *Al cuore della fede: le tappe di una vita*. Torino: San Paolo, 2009. 304p.

Quem é Walter Kasper? Quais foram as suas influências? O que realizou e ainda realiza? Que juízo tem este homem curial da situação da Igreja no início do terceiro milênio? Kasper é atualmente um dos mais proeminentes cardeais da Igreja católica, presidindo o importante Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Contemporâneo dos também alemães Joseph Ratzinger e Karl Lehmann, Walter Kasper realizou seus estudos em filosofia na cidade de Tubinga e Múnaco, concluindo-o em 1956. Em 1957 foi ordenado na diocese de Rottenburg. Em 1961 concluiu sua tese de doutorado, passando a ser assistente de Leo Scheffczyk e Hans Küng. Lecionou nas universidades de Múnster, que também presidiu, e de Eberhard-Karls-Universität de Tubinga. Em 1985 foi nomeado Secretário especial do Sínodo extraordinário, tornando-se também membro da Comissão Teológica Internacional. Foi ordenado bispo da diocese de Rottenburg (Stuttgart) em 1989. Em 1994 foi nomeado co-presidente da Comissão Internacional para o Diálogo Luterano-Católico e, em março de 1999, secretário do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, sendo elevado a Cardeal em 2001 por João Paulo II.

Visando refletir os passos desse importante membro da Cúria Romana, foi publicado em 2009, na Itália, um livro sobre sua vida e obra. Da Alemanha de Hitler, ao pós-concílio e suas irresolutas questões nesse início de milênio, a obra traz um panorama rico e cheio de interessantes nuanças sobre o catolicismo contemporâneo. Escrito em forma de diálogo, o texto traz muitas informações relevantes para aqueles que visam compreender a história da Igreja na segunda metade do século XX e a conjuntura vaticana atual. De sua primeira formação, Kasper relembra seus passos na Alemanha da Segunda Grande Guerra e dos anos posteriores ao seu encerramento. Da fase de seus estudos em Tubinga, o Cardeal rememora as influências sofridas das leituras de Johann Adam Mohler – maior expoente dessa universidade e “pioneiro da teologia ecumênica contemporânea” (p. 30) –, teólogo que contribuiu profundamente na renovação da consciência eclesial, que tirará seus frutos maduros somente no Vaticano II. Além de Mohler, John Henry

Newman – que também foi influenciado por aquele teólogo – igualmente o influenciará com *L'Apologia pro vita sua*.

Segundo Kasper, os textos que o haviam influenciado, por volta do final dos anos 1950, eram os “Escritos” de Karl Rahner, a teologia do laicato de Yves Congar e o pensamento de Henri de Lubac. De acordo com suas próprias palavras, estes três teólogos tiveram um “efeito de ruptura” em sua formação. Em 1962, logo finalizado seu doutorado em Dogmática, tornou-se assistente em Tubinga de Leo Scheffczyk e de Hans Küng e, nos anos posteriores, escreveu seu trabalho de livre-docência intitulado “O absoluto na história” sobre o pensamento de Schelling. Nele, Kasper demonstrava sua visão sobre o subjetivismo moderno, não enxergando simplesmente a modernidade apenas como uma revolta prometética do sujeito contra a ordem de Deus, visão comum dos círculos embebidos de ultramontanismo.

Na mesma esteira – no capítulo III – o assunto se concentra no Concílio Vaticano II e em suas contendas. Kasper comenta sobre o papel de Paulo VI, a crise e a renovação, as revistas *Concilium* e *Communio*, o ano de 1968, a Encíclica *Humanae vitae*. Para o Cardeal, a crise pela qual a Igreja romana passa não vem do Concílio propriamente dito. Já mostrava seus sinais mesmo antes de sua realização. Reafirma, assim, sua tese interpretativa – exposta em um dos capítulos de seu eloquente livro *Teologia e Igreja* – segundo a qual é “completamente errôneo ver o Concílio como uma ruptura com a tradição precedente, sobretudo com aquela do Concílio Vaticano I” (p. 51).

Refletindo sobre a questão das vocações religiosas na Igreja, Kasper defende a opinião de que falta atualmente na Europa ocidental um clima favorável ao seu nascimento. Deckers lembrou, no caso, um documento escrito por Rahner e Lehmann – *Memorandum sobre a discussão do celibato* (1979) – com assinaturas de Ratzinger e Kasper, levantando a questão do celibato como a única forma de vida sacerdotal na Igreja latina. Contudo, mais à frente afirma que “a abolição do celibato ou a ordenação de homens casados não representam de *per se* a resposta adequada à situação existente”, pois, continua, “a crise do ministério é expressão de uma mais profunda crise na Igreja e da fé na Igreja” (p. 64).

O Cardeal alemão deixou suas impressões teológicas em inúmeros livros, traduzidos para diversas línguas e com sucesso de público não só na Alemanha. O mais notável foi *Jesus, o Cristo*, seguido de *O Deus de Jesus Cristo*. Segundo suas próprias palavras, o que desejava com as obras era “ajudar as pessoas de fé e ajudá-las a crer, queria oferecer-lhes

argumentos para confrontar-se com a própria fé e com o próprio ser humano e cristão; queria mostrar a coerência interna e a beleza da fé” (p. 75). No final dos anos 1960 e início de 1970, presenciamos importantes discussões teológicas e o surgimento de várias obras que levaram a algumas polêmicas. Entre elas Kasper fala de seus debates com Ratzinger sobre o seu livro *Introdução ao cristianismo* e o “caso Küng”.

Pouco a pouco Kasper entra no mundo da Santa Sé, dando nele seus primeiros passos no Sínodo Extraordinário de 1985 – convocado para se repensar as interpretações do Concílio –, quando João Paulo II o convidou para ser “secretário particular”.

O que chama atenção no livro é o trabalho desenvolvido pelo Cardeal alemão à frente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. É falando sobre o ecumenismo que se mostra mais à vontade e demonstra suas reais preocupações com a Igreja e suas relações com as outras tradições religiosas. Segundo ele, logo depois de sua eleição como sucessor na cátedra de Pedro, Ratzinger assumiu a preocupação de manter a causa ecumênica viva e levar adiante as preocupações dos Padres do Vaticano II. Ao pensar a questão do primado papal em relação ao ecumenismo, Kasper afirma que “graças ao ecumenismo a situação do ministério petrino mudou para melhor” (p. 126). Para ele, nunca na história da Igreja, e nem mesmo aquela antiga, o bispo de Roma foi um ponto de referência tão importante para todas as Igrejas como hoje e gozou de uma autoridade espiritual tão grande, inclusive entre os outros cristãos. Deckers e Kasper tratam do longo processo de debates, recuos e avanços entre católicos e luteranos, a fim de constituírem uma base para uma declaração comum sobre a doutrina da justificação, uma das principais controvérsias no decorrer do século XVI. Tal declaração foi trazida ao público em 31 de outubro de 1999 com um abraço entre Kasper e Ismael Noko, Secretário-Geral da Federação Luterana Mundial. Tal documento abriu caminho para uma nova relação entre católicos e luteranos, contudo também foi objeto de polêmica entre alguns teólogos, inclusive Ratzinger, que reconhece os seus limites. As desilusões crescem no ano seguinte, quando a Congregação para a Doutrina da Fé publica *Nota sull'espressione “chiese sorelle”* e logo depois a declaração *Dominus Iesus*.

Kasper afirma que o diálogo ecumênico não deve limitar-se a um mínimo denominador comum, o que seria um empobrecimento de todas as partes. Para o Cardeal, o ecumenismo “deve se basear sobre uma comum confissão de fé, que confessem reciprocamente a própria fé e queira trabalhar no diálogo por um consenso futuro na confissão da fé” (p. 172). Arremata: “Quanto mais se é católico, tanto mais se é

ecumênico, mas também: quanto mais se é ecumênico, tanto mais se é católico” (p. 173). Tal perspectiva ecumênica tem um impacto teológico: a teologia ecumênica deve carregar uma dimensão geral de todo discurso sobre Deus, e não ser um território isolado. Respondendo à provocação de Deckers sobre a ameaça que muitos veem à liberdade e ao pluralismo na unidade do cristianismo, Kasper afirma que se deve entender a catolicidade como plenitude no senso de Paulo, como uma plenitude de diversos dons do Espírito, uma unidade na pluralidade e uma pluralidade na unidade. Como dom do Espírito, a unidade só pode acontecer a partir de uma conversão interior e exterior e da oração pela unidade. Em relação ao diálogo com os ortodoxos, Kasper aponta, utilizando-se de uma frase de Congar – “Tudo, ou quase tudo é igual, todavia tudo é diferente” – para os pontos que se aproximam entre eles e os latinos, principalmente aqueles que são calcados no exercício da fraternidade comum. De uma forma geral, Kasper acredita que o movimento ecumênico hoje toma uma dimensão muito maior daquela restrita ao diálogo entre os cristãos, assume a perspectiva de ser um movimento pela paz.

Quase no final da obra, Kasper retoma a discussão em torno do diálogo interreligioso e trata das relações com o judaísmo, posicionando a declaração *Nostra Aetate* (Vaticano II) como “pedra fundamental” no processo histórico de aproximação com o povo judaico, e também com o Islã. Demonstrando preocupação em relação às correntes teológicas atuais que defendem um “pluralismo de princípio” – exatamente como foi criticado pela *Dominus Iesus* – em Kasper transparece uma visão mais cautelosa, apontando alguns de seus riscos. Para o Cardeal, “este modo de pensar encontra hoje um grande consenso, mas não é conciliável nem com a fé cristã nem com as religiões hebraica e muçulmana” (p. 276). Além da questão do diálogo interreligioso, Kasper também acena, no final da obra, para a questão tão aclamada por Bento XVI, das raízes cristãs da Europa. Reverberando a tese do papa, Kasper diz que o problema da Europa não é o Islã em si, mas um problema com ela mesma, que só pode ser parcialmente resolvido com um despertar do continente para sua história e cultura, suas energias espirituais e morais.

Obra de grande importância para aqueles que visam aprofundar-se no ecumenismo católico, colabora com uma visão clara do papel de Walter Kasper nesse ínterim pós-conciliar na busca de um diálogo franco com todos os cristãos que também o desejem.

Rodrigo Coppe Caldeira  
PUC-MINAS